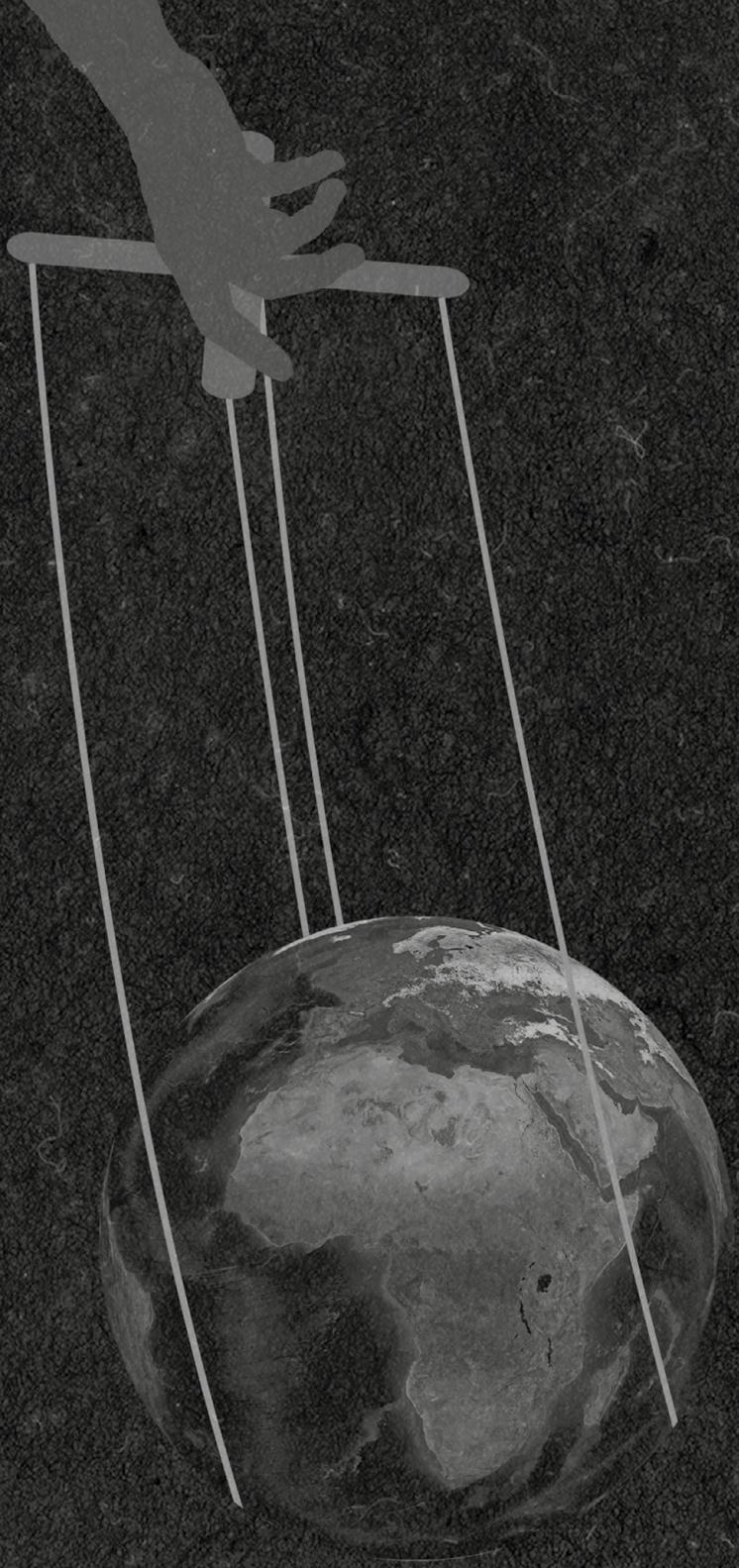


**À SOMBRA DA
IMORTALIDADE**



DYLAN RICARDO

**À SOMBRA DA
IMORTALIDADE**

LIVRO I



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021
Copyright © Dylan Ricardo, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Érica Hayashibara

REVISÃO
Bianca Gulim

CAPA
Luiz Gustavo

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Ricardo, Dylan
À sombra da imortalidade: livro I / Dylan Ricardo. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-08-3

1. Ficção brasileira 2. Horror I. Título

CDD: 869.3



São Paulo
Avenida Paulista, 326,
cj 84 - Bela Vista
São Paulo | SP – 01.310-902
www.editoracoerencia.com.br

Ainda que ofusque e aqueça, que reverbere a ousadia dos sonhadores, que alimente de energia a flor perfumada, que nutra de vida as criaturas e assoberbe de destemor a alma dos esperançosos, será um dia o sol engolido pelas trevas. E exercerá a natureza o que faz de melhor: a destruição.

É questão de tempo.

INTRODUÇÃO

Há três anos fui assediado por um recorrente pesadelo que atormentou a minha vida por algumas semanas. E aquele exaustivo transtorno era tão vigoroso que me solapava de madrugada, estapeava a minha paz, erguia-me do leito suado, ofegante, espavorido, roubando-me o sono até o amanhecer.

E quando se foi — tão inesperadamente quanto se apresentara —, a agonia de sua permanência em minha memória insistiu em deixar lavrada uma semente, uma ideia — daquelas que se entranham como um cancro e não largam.

Dia e noite, não havia mais concórdia, tornou-se aquilo uma obsessão que perseverava, martelava, torturava. Uma incômoda coceira na alma que atividade alguma fazia sumir, a não ser o exercício da escrita. E a ele me entreguei como uma tentativa de exorcizar o peso que sentia.

Converti-me então em um escritor assombrado por um tema ainda nebuloso, por algo enigmático, apavorante, cuja falta de clareza me incitava a exercitar a imaginação, a criar, a mergulhar nos recônditos da psique para, em suas frestas, buscar resquícios de imagens e respostas às minhas inquietações.

O fatídico sonho mais se assemelhava a uma visão contumaz, que reprisava cada vez que eu punha a cabeça sobre o travesseiro e era colhido pelo cansaço. Só não afirmo que era uma alucinação pelo fato de eu estar dormindo.

Nele, com a face encoberta por sombras, um homem surgia, e digo ser um homem porquanto assim me parecia, no entanto qualquer coisa anunciava que não era humano.

De boa altura e plácidos movimentos, percebi ter ele na cabeça uma cartola, na mão, uma bengala, e trajar vestes negras, elegantes, de corte antigo, ao estilo do século XIX. Ainda notei que a autoridade de sua presença era perturbadora.

A despeito de seu rosto ocultar-se, posso jurar que sorria. Sei que sussurrava, mas eu não conseguia entendê-lo. Às vezes eu desviava os olhos por reparar que os dele desciam sobre mim como as garras de uma águia.

E eu sentia tanto horror que permanecia ali onde estava, quieto, mudo, sem mexer um músculo, encurralado no fundo de uma passagem relativamente estreita, com paredes de tijolos expostos, sem saída, e fria; foi o que pude notar nos primeiros sonhos, depois entendi tratar-se de um beco.

Ainda havia, na onírica ambiência penumbrosa, ruas sujas, enlameadas, salpicadas por gélidas poças de água escura, algum lixo espalhado, postes antigos de luzes fracas, e algo no ar, algo que tornava tudo fosco, borrado, difícil de distinguir, como uma neblina feita de medo.

Embora fosse noite e eu estivesse preso em uma ruela fechada, apavorado e com a visão turva devido ao nevoeiro, de alguma forma eu sabia quanto aos pormenores arquitetônicos, não de todo, mas o suficiente para poder afirmar que havia prédios antigos, praças, escadarias e estátuas.

E não me pergunte como eu sabia de tudo isso. Creio ser normal e compreensível que saibamos — mesmo sem ver — o que se encontra em nossos sonhos, já que eles são produzidos por nossa própria mente.

Pensei bastante sobre o tema e, à custa de muitas ponderações, cheguei à conclusão de que o sonho se dava no período oitocentista, e aclimatado no que figurava ser uma sociedade vitoriana. Como sou um ávido consumidor de filmes e livros relativos a essa época, entendi tratar-se da mais evidente influência de tudo o que eu via e lia, e que aquelas imagens tão reais e intimidantes nada tinham de misteriosas. Sendo todas somente frutos de “memórias literárias”, que despertavam durante o meu sono.

Porém, certa feita, durante um desses sonhos horripilantes, percebi que a bengala comumente empunhada pelo assustador estranho sem rosto se havia transformado em outra coisa, em um livro de capa negra, em um livro tão negro — ainda mais negro que as sombras que tudo tomavam — que se destacava no medonho ambiente tenebroso como um buraco na escuridão.

Então bizarras coincidências começaram a acontecer ao longo dos meus dias. Passei a ver livros negros por todos os lugares! Tomos esquecidos sobre produtos nas prateleiras dos mercados, sobre o teto de um carro branco estacionado, sendo levados por transeuntes, nas mesas dos restaurantes, nos balcões das padarias, e até em um banco de praça. Livros de capa preta pareciam estar invadindo o mundo, e eu os encontrava com inquietante frequência, porém, a despeito da notória curiosidade que integra meu caráter, lá os deixava, onde quer que estivessem pousados.

Por toda a minha vida jamais encontrei um livro esquecido sobre qualquer lugar — revistas rasgadas e jornais velhos, sim, mas livros nunca —, e em razão disso me pareceu bastante incomum dar com tantos, em tão curto espaço de tempo, ainda sendo todos daquela cor lutuosa. E minha mente de escritor, prolífica, romântica, questionadora, pôs-se a fantasiar, fazendo-me crer que alguém, ou alguma coisa, esmerava-se por me enviar uma mensagem.

O que aquilo queria dizer? O fato não me cheirava a uma simples coincidência, mas a uma clara evidência de algo. De quê? A resposta estava no sonho, e mais especificamente naquele homem. No tal sujeito de aparência refinada, de trejeitos apurados e rosto desconhecido. Quem era ele? O que desejava?

Como uma punição, os sonhos continuaram, noite após noite, por vezes durante os raros cochilos diurnos, e seguiram religiosamente o mesmo roteiro repetitivo: eu, preso em um beco sem saída, esfumaçado, escuro, de muros altos e, a poucos passos, impedindo a minha fuga, o homem de cartola e livro na mão.

E aquilo já se havia tornado tão constante que o meu receio começou a familiarizar-se com a trágica circunstância; abrandou, todavia sem desvanecer. A angústia persistia, a tensão antes de buscar o leito, a odiosa expectativa, a resistência ao sono, tudo continuava, mas não como dantes.

Parece-me que o ser humano, por pior que seja o contexto no qual se veja inserido, de alguma forma encontra forças para adaptar-se. Ele aceita, torna-se resignado. Isso talvez ocorra em virtude da aparente imutabilidade da situação, da absoluta desesperança de que algo se altere. Creio que o influencia também o dever natural de se manter vivo, são e pronto para, se possível, seguir sua jornada existencial.

Pelos meus cálculos, a insana tortura madrugadora deve ter durado umas três semanas, e eu já estava exausto de ser procurado por aquele insistente fantasma que, à sua maneira, parecia estar ali para pedir algo, ou impor a realização de uma tarefa. Até levei em consideração buscar a ajuda de um psiquiatra. Talvez algum fármaco me devolvesse a tranquilidade de uma boa noite de sono. Não cheguei a tanto.

Pelo tempo em que fui vitimado por aquele pesadelo, não me furtei de fazer apontamentos, de preencher páginas e mais páginas com ideias, relatos e impressões, afinal, para um escritor, tal evento tão atípico não deixa de instigar a inspiração.

Eu, que sempre fui afeito à literatura de horror, que há muito penejo sobre temas lúgubres, que sou um apreciador embasbacado do estilo dos grandes literatos que versam sobre o assunto, vi-me capturado por um enredo no qual exercia a dúbia honra de ser protagonista. Não foi agradável...

Fosse como fosse, eu sabia que aquela experiência iria gerar uma criação literária, não tinha qualquer dúvida, o que eu não imaginava era que seria algo tão grande. Achei que seria no máximo um conto de algumas laudas; trinta, quarenta, não sei.

Lembro-me até dos vários temas sobre os quais me propus a escrever, eram enredos diferentes deste que o leitor tem agora nas mãos. E, por mais inusitado que possa parecer, senti na ocasião que o homem misterioso não concordava com nenhum, até que eu cheguei ao que aqui se apresenta. A partir dele, quando a ideia começou a germinar, os sonhos cessaram. Estranho, não?

À época, pela metade do ano de 2018, eu me dedicava a escrever uma compilação de dez contos de horror chamada *Contos Noturnos*, e a ideia de encaixar *À Sombra da Imortalidade* na obra me passou pela cabeça, pois eu acreditava que seria fisicamente possível. Vale mencionar que, naquele tempo, este livro sequer havia sido intitulado, tampouco passava das dez páginas iniciais.

No entanto, a narrativa tomou um vulto inesperado, desenvolveu-se para além de minhas expectativas, parecia não ter mais fim, e, por imposição da abundância do conteúdo, fui obrigado a torná-la um novo trabalho.

Desconfio — e até me sinto um tanto ridículo em afirmar isso — que aquele homem invadiu os meus sonhos com a finalidade de aportar neste romance, é o que meu imaginativo macabrismo me força a concluir. Talvez essa tenha sido a sua intenção.

Cada vez que descrevo o ameaçador personagem da obra é a ele que me reporto, e, sempre que lhe atribuo algum pensamento, percebo que muitas ideias, ainda que não em sua totalidade — pois, se o fossem, o livro não seria de minha autoria —, foram geradas por uma inteligência alheia. Quase como se durante a elaboração da obra os palpites de um espectro me houvessem influenciado.

Eu jamais soube o real significado daquele pesadelo que me assolou há três anos, tampouco o verdadeiro propósito do ser que nele me visitou, apenas desconfio, como já mencionei. Porém, o insólito evento me serviu de inspiração — uma inspiração imposta — para, de lá para cá, por todo esse tempo, desenvolver o meu livro.

Sim, foram três anos de minha vida arqueado sobre estas páginas, às vezes durante o dia, mas na maior parte do tempo à noite, de madrugada, ouvindo sussurros, sentindo presenças, arrepios na nuca, toques no ombro, notando passos no corredor, e em muitos momentos percebendo um estranho torpor nas mãos, como se alguém, além de mim, as utilizasse para dar vazão às próprias ideias.

Correndo o risco de aparentar ter sofrido uma estafa mental ou ainda de acreditarem que estou mentindo, preciso narrar um evento do qual não fui apenas testemunha, mas participe. Algo que me impressionou profundamente, que me fez perceber o quanto aquele sonho, e a obra dele resultante, haviam afetado o meu equilíbrio.

Certa madrugada, diante do *notebook*, na penumbra do quarto, eu escrevia. O silêncio noturno auxiliava o fluxo da imaginação, e as trevas, ainda que violadas pela alva e incômoda luminosidade da tela do equipamento, serviam para tornar minha introspecção criativa aclimatada ao teor do enredo que eu partejava com certa dificuldade. O trabalho seguia, como tantas vezes.

Eu buscava frases, situações, diálogos, descrições. Procurava criar paisagens e nelas encaixar cenas. Pelejava por entrar na cabeça dos perso-

nagens, por sentir seus medos, suas dúvidas, seus desejos. A obra ainda estava no início, e os naturais obstáculos surgiam com frequência para impedir a concepção das características de cada um deles.

Em dado momento, ouvi um discreto ruído vindo da cozinha e fui prontamente arrebatado do estado de concentração. De início pensei tratar-se de algum animal, talvez um rato, apesar de nunca ter visto qualquer um pelas dependências. Levantei-me e fui averiguar.

Entreí no cômodo na ponta dos pés, com todo cuidado, e acendi a luz na expectativa de surpreender o suposto pequeno invasor. Até verifiquei se havia algo fora do lugar. Nada, não havia qualquer coisa em desordem.

Então, quando voltei a apagar a luz, posso jurar que ouvi as teclas do *notebook* serem pressionadas, golpeadas a uma velocidade impetuosa. A adrenalina incendiou o meu estômago, e um arrepio percorreu todo meu corpo. Atravessei a escuridão para regressar ao quarto.

Antes de entrar, parei próximo ao umbral; o som havia cessado, mas, por algum motivo, temi encontrar alguém, a despeito de achar a possibilidade extremamente remota. Em síntese, invadi o cômodo, e ele estava como eu o havia deixado, escuro e poeirento. Tratei então de examinar o texto: não tinha nada de novo, sequer uma vírgula.

Foi o cansaço? É provável. Mas assustou!

Não houve incidentes semelhantes ou qualquer perturbação do meu sono pelos três anos que se seguiram. Aparentemente as bizarras relacionavam-se ao processo inicial de criação. À luta que foi para que o tema se mostrasse. Mas quem sabe?

Por fim a obra surgiu, e nela trago dois protagonistas que se destacam, exatamente como em meu sonho. Um deles, acuado, perseguido, manipulado, aturdido, inocente, cuja existência foi convertida em um beco sem saída, repleto de sombras ameaçadoras e decisões difíceis; o outro, no absoluto controle dos eventos, impiedoso, inabalável, sarcástico, manipulador, calculista, seguro de seus atos, sádico, de mente clara e plenamente cômico das decisões a serem tomadas.

São dois personagens antagonísticos que se embatem em um duelo psicológico de inquietante tensão, como os lados opostos da mesma consciência, na qual o bem e o mal travam uma guerra pelo controle da vida.

Jones Philips, um jovem cidadão inglês do século XIX, cumpridor de seus deveres, cidadão exemplar, súdito da rainha Vitória, dedicado funcionário da editora Stafford, irmão amoroso e noivo apaixonado, certa noite, por imposição profissional, vê-se metido em uma trama que mudará a sua vida.

Ele conhece o estranho escritor Sacratius Lucian Fergelus, um estrangeiro, alguém peculiar, elegante, de maneiras buriladas, educação primorosa, viajado, excêntrico, vivido, com muitas histórias para contar e uma obsessão: publicar um livro.

Desse singular encontro ocorrido em uma taverna abandonada, de ambiente crepuscular, à meia-noite, desenvolve-se o sinistro enredo no qual a angústia e o carregado sentimento de sufocação permeiam cada trecho.

Jones, em vista das terríveis circunstâncias que passam sucessivamente a vitimá-lo, precisa lidar com o horror dos dias, com a constante insegurança, com a expectativa da tragédia e ainda mudar seu comportamento ordeiro para combater a malignidade inclemente que o persegue.

Como eu, ele se torna escravo de um livro de capa negra e refém de alguém apavorante.

O leitor tem nas mãos duas obras que se alternam, se mesclam como os estranhos ingredientes de uma poção mágica. Dois livros, um pleno de eventos históricos, que passeia pelas épocas e culturas do mundo, revelando intrigas inimagináveis, fatos desconhecidos pelos olhos dos acadêmicos e do grande público, e o outro, que se passa no período em que realmente a trama se desenrola, na Londres vitoriana do século XIX, mais precisamente entre 1875 e 1876.

Almejo que este sinistro rebento literário, oriundo de uma onírica inquietação diabólica, possa agradar aos gostos macabros dos leitores mais dedicados e exigentes.

Boa leitura.

I

Londres, 1875. No assento acolchoado do interior de uma negra carruagem, que vez por outra saltitava ao passar pelo asfalto irregular daquele bairro afastado, sentava-se Jones Philips, funcionário da editora Stafford.

Segurando-se para resistir aos solavancos, ali estava por haver sido designado para encontrar um autor. Como era recém-contratado, viu-se na obrigação de comprovar seu empenho, de mostrar dedicação ao serviço, e a contragosto resolveu, com um sorriso na face cansada, aceitar aquela estafante incumbência, apesar do encontro ter sido marcado à meia-noite.

O homem estava exausto, sonolento e levemente aborrecido, pois o dia de trabalho fora extenuante. Muitas pessoas desejavam ter seus escritos publicados, e ele havia passado várias horas lendo as mais absurdas idiotices grafadas em um número infindo de laudas.

Certamente que Jones achara bastante incomum que o compromisso houvesse sido definido em uma taverna, naquela área da cidade, e naquele horário, mas não podia recusar. Encarava a situação como derivada da mente excêntrica de um artista.

O renomado senhor Benjamin Stafford, proprietário da editora, no dia anterior o havia chamado ao escritório para dar-lhe esse encargo. Revelando-lhe que conhecia limitadamente o trabalho do escritor, pois já havia lido parte de seu livro, e que, por isso, passara uma noite sem dormir.

Afirmara o velho editor, um tanto nervoso, que o conteúdo da obra era perturbador, extremamente imaginativo, e que, por vezes, beirava a insanidade. Acrescentando que exatamente por isso era interessante. Que era algo jamais escrito. Eram histórias referentes a um misterioso personagem que atravessava eras, contadas com tamanho realismo que assustaria o mais cético e causaria tremores ao mais destemido. Os textos eram compostos

de narrativas minuciosas e descritivas, tal se o próprio autor fosse uma testemunha.

Relatara ainda que a obra era sucesso na França, nos Estados Unidos, em Portugal, na Espanha, na Itália e na Alemanha, e que agora o foco do exótico autor era a Inglaterra. Mostrara a Jones uma carta enviada pelo escritor, na qual este externava o desejo de ter sua obra publicada pela editora.

E muito inflamara a atenção do jovem funcionário de vinte e cinco anos o estranho selo que, ao pé do escrito, surgia, o ouroboros de uma cobra com três letras em estilo gótico ao centro: SLF.

Stafford, interessado pelo tema e intencionando boas vendagens, achara a proposta sedutora, pois o apelo comercial dos livros de mistério e horror lhe parecera motivo suficiente para considerar uma possível publicação. O autor, na carta, narrara que estava hospedado em Londres, e que seria oportuno que uma reunião fosse definida para discutirem os detalhes. Assim fora, e seguindo as incomuns instruções da missiva designara o novo funcionário para encontrá-lo.

Através dos vidros da janela da carruagem, Jones pouco podia ver; as brumas de uma neblina cinzenta tomavam cada esquina, permitindo apenas que ele pudesse vislumbrar com dificuldade alguns notívagos cavalheiros portando bengalas e conversando serenamente com senhoras de difícil vida fácil. Mais à frente, alguns marinheiros embriagados urinavam em uma parede enquanto trocavam palavras e riam. Vultos disformes surgiam ou desapareciam, envolvidos por aquele denso nevoeiro.

O trote dos cavalos, o barulho das rodas e o açoite do cocheiro, desferido no lombo dos animais na intenção de acelerá-los, o incomodavam, mas, sem isso, ele não se deslocaria, e decerto que caminhando não iria enfrentar aquela concentrada névoa.

Sentado no banco de veludo vermelho, Jones já começava a se arrepender de ter acolhido com tamanha disposição a tarefa. Pensava no conforto e calor de seu leito, e em uma maravilhosa xícara de chá antes de dormir. E tal aconchegante pensamento o fez suspirar enquanto umedecia os lábios, quase sendo capaz de sentir o aromático perfume daquela bebida quente emanado do bule.

E perdido em acolhedores pensamentos foi trazido à realidade por um abrupto solavanco, a carruagem havia parado. Seu chapéu, posto sobre o banco, tombou no piso de madeira.

Três fortes pancadas no teto o avisaram da chegada. Jones apanhou o chapéu de um golpe, bateu com ele na perna, na intenção de limpá-lo, abriu a porta e desceu, olhando ao redor. Em seguida, pagou ao cocheiro, que dali, silencioso, cuidou de sair às pressas.

O ambiente era dos mais inóspitos. Era o lugar ideal para um crime, escuro, brumado, silencioso e deserto. De um beco próximo, Jones pôde ouvir o praguejar de um ébrio e o som de vidro sendo espatifado. Murmúrios afastados o assustaram. Em pé, buscando distinguir o ambiente, apenas conseguiu identificar uma abafada voz feminina que parecia conversar. Percebeu também os sussurros de uma canção qualquer e o ruído das rodas de carruagens passando distante.

O estridente som do apito de um guarda surgiu subitamente, e depois identificou o que lhe pareceu ser uma correria, mas tudo o que ouvia, com exceção do vidro quebrado, parecia muito distante. Ele estava só, e talvez fosse melhor assim. Definitivamente não possuía nenhuma vontade de esbarrar com os frequentadores daquele local. “Onde eu fui me meter?”, inquiriu-se, inseguro.

Uma discreta brisa dispersou um pouco o copado nevoeiro e fez surgir a emanção da luz do poste, que lançou providencialmente seu lume fraco sobre o ambiente, assim ele pôde perceber uma taverna a alguns passos. Então, puxou do bolso um pequeno papel no qual conferiu o endereço, utilizando com dificuldade o feixe emitido pela debilitada luz.

— É aqui — sussurrou, meneando a cabeça.

Ao abrir a porta, que rangeu os oxidados engonços, não percebeu apenas que o local estava escuro e com pouca mobília dispersa, mas abandonado. O silêncio era absoluto e a penumbra, ameaçadora. A luz daquele poste apenas estendia-se ao assoalho por alguns palmos, o resto da frouxa luminosidade vinha de uma janela lateral mais afastada, pois dela o lampejo de um luar enfraquecido iluminava parcialmente o interior da taverna. Jones até duvidou de que aquele fosse o local do encontro, mas suas dúvidas se dissiparam quando ao fundo do imóvel, sentado e voltado para a porta, um homem alto levantou-se, saindo das sombras.

— Ah, senhor Philips, seja bem-vindo!